

UMA VIDA NUMA PALAVRA

Elsa Antoniazzi - Giuseppe Nichetti

Uma vida numa palavra

Marina Videmari
e a arte do “corresponder”

© Copyright Congregação das Irmãs de Santa Marcelina

Ficha Técnica

Tradução e Revisão: Ir. Diva Pasqual

Revisão gráfica: Ir. Ivania Vassali

Capa: do Original

Fotolito e Impressão: Rush Gráfica e Editora LTDA.

Para os textos bíblicos:

© 2008 Fondazione di Religione Santi Francesco d' Assisi
e Caterina da Siena, por delicada concessão

Obra Original:

© 2012 ÂNCORA S.r.l.

ÂNCORA EDITRICE

Via G.B. Niccolini, 8 – 20154 Milano

Tel. 02. 345608.1 – Fax 02.345608.66

editrice@ancoralibri.it

www.ancoralibri.it

N.^a 5249

ÂNCORA ARTI GRAFICHE

Via B. Crespi, 30 – 20159 Milano

Tel. 02. 6085221 – Fax 02.6080017

Arti.grafiche@ancoralibri.it

ISBN 978-88-514-107-0

Prefácio

A comemoração dos duzentos anos do nascimento de Irmã Marina Videmari (1812-2012) sugeriu a alguns Colaboradores do Centro de Estudos da Congregação propor algumas reflexões para as Irmãs Marcelinas, que reconhecem nela a cofundadora da Congregação, e para os que conheceram e apreciaram seu carisma.

Os estudos sobre a cofundadora, iniciados recentemente, consentem em entrar um pouco mais no cerne do conhecimento de Marina Videmari. Esses estudos nos propõem uma abordagem verdadeira de sua personalidade e sua envergadura espiritual. É o que na primeira parte deste estudo nos oferece padre Giuseppe Nichetti, para conhecer de modo vivo os traços característicos. Trata-se aqui de um aspecto peculiar, o de “corresponder a tanta misericórdia”, que foi colocado em evidência como o coração de todo o trabalho apostólico e ascético de Madre Marina: corresponder é colocar-se em relação, é dinamicamente perguntar e responder, é pautar os próprios passos sobre aqueles com quem se estreitam laços, seja no pensamento ou na ação. “É correspondência que tende a espelhar - diz o texto de Nichetti - a reproduzir em si os traços do rosto de Cristo”.

O reconhecimento da centralidade desta palavra fértil “corresponder” sugeriu aos dois autores, padre Nichetti e Irmã Elsa Antoniazzi, que interveio na última parte do estudo, enriquecer este foco carismático com reflexões interessantes sobre o significado bíblico e teológico do termo, não com ênfase “no feminino”, que permite reconhecer como sendo tipicamente da mulher e, logo, da Irmã Marcelina, esta abertura “sem defesas” ao outro, esta empatia que dá sabor e substância às relações significativas da vida, sobretudo à relação com Deus, permanecendo ligados ao concreto da história com todos seus eventos que, de qualquer modo, levam em si o sinal do Evento por excelência, que é o encontro com Deus.

MADRE MARIA ANGELA AGOSTONI

Giuseppe Nichetti
Marina Videmari,
uma biografia espiritual

Um belo matrimônio. Eis o que as jovens de boa família desejavam na metade de mil e oitocentos. Pelo menos a maior parte delas. Marina Videmari, ao contrário, queria tornar-se religiosa da Visitação.

Nasceu em 22 de agosto de 1812 e foi batizada no mesmo dia, no Duomo de Milão, porque morava perto. Agora, em 1837, parecia-lhe ter chegado o momento de realizar seu sonho¹. Mas o pai, Andréa, a mãe, Maria Guidetti, e a tia pa-

¹ “Em 1835 parecia-me ter chegado finalmente o desejado momento de ingressar como postulante no Convento das Salesianas em Milão...Ilusão! Deus me queria em outro caminho. Fui acometida por uma febre intermitente, quase diária, que os médicos julgaram letal. Meus pais, uma velha tia, minha madrinha de Batismo, que foi para mim mais que uma afeiçoada mãe, opuseram-se à minha entrada no convento, por causa de minha saúde, que quase me persuadi de estar eu no fim da vida. Muito deprimida e sofrendo pela minha indisposição, preparava-me para a morte. No fim do mesmo ano, Deus chamou a si minha querida tia. Estávamos nas férias de outono. Em minha desolação, pedi a meus pais que me deixassem fazer os Exercícios Espirituais com Irmã Maddalena Barioli, Superiora de uma pequena Casa de Religiosas na Canônica de Sto Ambrósio, em Milão. Elas davam aula e tinham um Oratório Festivo, onde, aos domingos, na bela estação, eu passava algumas horas”. (M. VIDEMARI, *Acenos históricos sobre a origem do Instituto das Marcelinas*, manuscrito de 1885, publicado em 1938, em Milão, com o título de “*Alla Prima Fonte*”. *As origens e o sucessivo desenvolvimento da Congregação das Irmãs Marcelinas*, narrados a suas

terna, que fora madrinha de Batismo, não concordam: dizem que é muito frágil de saúde.

A vontade, todavia, nada tem de fraco e, à custa de insistências, Marina consegue fazer os exercícios espirituais com as Irmãs da Canônica de Santo Ambrósio.

E eis que acontece o inesperado! Deixemo-la contar ela mesma:

Meu pai deu-me o desejado consentimento, mas eu ignorava que Sacerdote iria pregar o santo retiro. Como Deus é bom! Destinara para lá um piedoso, douto, santo Ministro. Ele perscrutou a minha alma. Dissipou minhas dúvidas. Entusiasmou-me para a vida apostólica. Retirou-me da família e colocou-me, por assim dizer, no caminho desejado, no qual Deus me queria, embora ainda desconhecido por mim.

Percebi logo, desde o primeiro dia, que o pregador era o Diretor Espiritual do Seminário de Milão, amigo íntimo de meus pais. Por isso, sentia-me muito indecisa se devia ou não lhe abrir minha alma: receava que se opusesse à minha vocação para as Salesianas. Finalmente, resolvi fazer a ele minha Confissão Geral, nada dizendo sobre minha vocação. Concluídos os Santos Exercícios, aquele piedoso Sacerdote chamou-me ao escritório e, na presença da bondosa Superiora, Irmã Maddalena, disse-me: “Quer permanecer aqui mais uns quinze dias? Conseguirei isto de seu pai. Assim você terá tempo para falar-me de sua vocação à Vida Religiosa, à qual sei que

filhas pela veneranda madre fundadora, Irmã Marina Videmari, publicada por Madre Carlota Luraschi, 9-10). Escrevendo seus apontamentos, cinquenta anos depois dos fatos ocorridos, Videmari confundiu 1837 com 1835.

aspira. Eu, esta boa Irmã, a oração e o auxílio de Deus lhe faremos tomar uma decisão”.

Fiquei perplexa... Embaraçada, respondi: “Sim, ficarei de boa vontade, e o senhor me obtenha, contudo, essa permissão de meus pais”.

Este santo Sacerdote era Padre Luigi Biraghi. Manteve a palavra e duas, três vezes por semana vinha ao convento e, na presença da bondosa Superiora, procurava persuadir-me de ter eu recebido da natureza um temperamento vivo, ativo, empreendedor, em nada afeito à vida claustral com uma Regra tão minuciosa e com tantas prescrições de dependência. Viam em mim dons especiais para Religiosa Enfermeira. Para Religiosa Professora... enfim, para a Vida de Apostolado. Na verdade, eu não sentia repugnância para tais ofícios, mas o afeto que nutria para com algumas amigas que me haviam precedido nas Salesianas, fazia-me temer que, talvez, pudesse me arrepender².

A vida religiosa começa tornar-se uma possibilidade concreta. Não se lhe apresenta na forma que ela desejava, mas já é um passo para frente em relação à recusa até agora colocada pela família.

Em poucos dias, o que era apenas um desejo torna-se realidade. Ouçamos ainda sua voz:

No último dia da Novena, após a Santa Comunhão, senti-me totalmente diferente do habitual. Parecia-me até ter melhorado a saúde. Sentia-me revigorada. Alegre, serena e firmemente decidida a submeter-me em tudo e para

² M. VIDEMARI, *Alla prima fonte...*,9-10

tudo aos conselhos daquele santo homem, Padre Luigi Biraghi, que me parecia um anjo enviado por Deus para me apontar o caminho a seguir.

Ao entardecer daquele dia, Padre Luigi Biraghi veio ao Convento e me perguntou: “O que resolveu, Marina?” A bondosa Superiora, Irmã Maddalena, ali presente, respondeu por mim: “Irmã de Caridade... Irmã Professora... Missionária... Posso afirmá-lo, Sr. Diretor. Leio a alma de minha Marina e não me engano”. O bom Ministro de Deus dirigiu-se a mim: “É verdade? Deve dizê-lo você, Marina”. Respondi: “Sim, com a graça de Deus, sinto-me disposta a tudo”. Padre Luigi Biraghi replicou: “Assim sendo, irei procurar logo seus pais e combinarei tudo o que for melhor para você, in Nomine Domini!”³.

Após três dias, monsenhor Biraghi volta para Marina Videmari e anuncia-lhe que sua vida religiosa começaria no dia seguinte. O que parecia um sonho irrealizável, em quinze dias, tornou-se realidade:

Senti-me muito ansiosa e consegui dizer somente: “Sem despedir-me de ninguém? Sem ir buscar os livros, o enxoval necessário?” O Ministro de Deus, num tom grave e sério acrescentou: “São Pedro, chamado por Cristo para segui-lo, deixou o barco, as redes... e você?...” “partirei amanhã como o senhor determinou, senhor Biraghi”.[...] Passei uma noite de insônia. Rezava, suspirava, mas era preciso obedecer. De manhã, à hora marcada, chegou o carro. Despedi-me daquela bondosa Superiora e das estimadíssimas Irmãs e parti para Monza. As Senhoras Bian-

³ M. VIDEMARI, *Alla prima fonte...*,11

chi me acolheram com carinho maternal. Um quartinho bonito havia sido preparado para mim, com uma espécie de pequeno Oratório anexo. Aquelas pobrezinhas haviam arrumado tudo de modo a me tornar a estadia agradável⁴.

Afastada improvisamente daquela que era sua vida cotidiana, lançada para um horizonte ainda incerto, o que terá acontecido na alma de Marina? Podemos sabê-lo pelas cartas que ela mandou ao Monsenhor Biraghi, que, a partir daquele momento, havia se tornado seu diretor espiritual.

A primeira carta que ela lhe escreveu é particularmente importante. Contém “em síntese” toda a vida de Marina. A leitura apresenta uma pequena dificuldade, pois contém incorreções gramaticais, mas consegue-se facilmente seguir o desenrolar e, especialmente, consegue-se penetrar o espírito desta jovem.

Reverendíssimo Senhor padre Espiritual, como poderei corresponder a tanta misericórdia de Deus para comigo? Por muito tempo fugia para longe de Deus e ia ao encalço de meus miseráveis bens terrenos, que só nos trazem sérios remorsos, e Jesus Cristo, Aquele bom Pastor que vai à busca da ovelha perdida, seguia-me sempre e com voz doce e suave, de tempo em tempo, fazia-me ressoar ao ouvido aquela frase: vem a mim, filha, e em mim encontrará paz, calma e descanso. Mas eu vagava por mil pensamentos e diversas resoluções, sem saber o que resolver. Finalmente, aquele dia feliz que Jesus Cristo, por meio do senhor, me fez sentir qual era sua vontade e me assegurava

⁴ M. Videmari, *Alla prima fonte...*, 12-13

uma grande paz e alegria. Por essas palavras, senti o sangue gelar-me nas veias, pois bem percebia que não era um simples homem que me falava, mas Jesus Cristo através de um Seu Ministro, zeloso pela minha saúde. Passei por grandes contradições. Nos primeiros dias, prometi-lhe ir aos Santos Exercícios, mas, voltando para casa, encontrei-me na mais cruel batalha. De um lado, motivavam-me as paixões, o Mundo e suas atrações, e parecia-me impossível levar uma vida santa após uma vida um tanto mundana e não poderia resistir à privação dessas coisas.

Finalmente, fui aos Santos Exercícios e lá, naquele recinto, saboreei aquele Maná escondido que se encontra na solidão e numa vida casta, humilde e penitente, que faz exclamar com o penitente Davi que é mais doce viver um só dia nas Tendas do Senhor que mil anos no meio das Alegrias Mundanas. E entre as santas inspirações e suas boas Sugestões, comecei aquela vida que convém a uma jovem que segue a lei de Jesus tão santo e imaculado. Mas, padre, saiba que vivo com grande temor, pois, se Deus usou de grande Misericórdia para comigo, como poderei corresponder a tanta bondade? E se não correspondo, que terrível vingança desencadeará Deus sobre mim. Assim, temerosa, aproximo-me mais vezes na semana da mesa celeste. E, logo após a Comunhão, derramo copiosas lágrimas: não sei se choro de dor pelos meus pecados ou por temor de que Deus não me tenha perdoado. Passo o dia inteiro em grande sofrimento. Paulo dizia que não sabia se era, aos olhos de Deus, objeto de amor ou de ódio. E eu estou muito temerosa.

Gostei de ouvir em sua carta que meus pais aderiram à minha intenção. Enquanto isso me cabe rezar. Peço-lhe que

me recomende a meu Jesus na Santa Missa. Gostaria de escrever outras coisas, mas, neste momento, está chegando minha cara Angiolina, que o saúda, como também as Senhoras Professoras. Peço-lhe que, podendo, me escreva. Saúda-o com grande e especial estima sua muito humilde
Serva e Filha Espiritual.

Marina Videmari

Monza, 28 de setembro de 1837

Talvez a esperávamos assim mesmo: um pouco ansiosa, lagrimosa, apavorada. Acostumaram-nos a isso as representações cinematográficas e televisivas do 1800. Marina vive no seu tempo e é lógico que pague o preço à cultura e à sensibilidade de sua época. Mesmo no ponto de vista religioso. Hoje não estamos mais acostumados a pensar num Deus inflexível, que pune nossos erros. Somos mais inclinados a focar sua infinita misericórdia. Mas, além dessa cobrança, há uma expressão que Marina repete duas vezes na carta que revela a profundidade de seu coração.

“Como poderei corresponder a tão grande misericórdia que Deus tem para comigo?”⁵.

⁵ Deve-se observar que, no manuscrito original da carta, a palavra misericórdia não foi escrita pela Videmari, mas foi acrescentada, a lápis, acima da linha, por uma outra mão, provavelmente a de Mons. Luigi Biraghi, destinatário da carta. A mesma expressão, porém, aparece outra vez na carta e, neste caso, totalmente pela mão da Videmari. Isso autoriza-nos a considerar correta a interpretação e a integração do primeiro leitor da carta. As cartas manuscritas por Marina Videmari são conservadas em

Em sua vida, Marina não fará outra coisa que procurar traduzir na prática essa intuição espiritual.

Marina quer corresponder à misericórdia de Deus. Percebe ter sido terna e inesperadamente amada e quer corresponder a esse amor. Deseja fazer alguma coisa. Primeiramente, quer ficar com Jesus, permanecer com Ele, acolhendo seu convite: “Venha a mim, ó filha, pois em mim encontrará paz, calma e descanso”.

Para ficar com Jesus com a intensidade que ela deseja, não vê outra solução senão tornar-se religiosa. Por isso, o dia do encontro com Mons. Biraghi é para ela um dia feliz, que a confirma na paz e na alegria.

Videmari se tornará formal e oficialmente religiosa dia 13 de setembro de 1852, data da fundação canônica do Instituto das Marcelinas, mas, desde setembro de 1837, ela se sente religiosa e quer viver como religiosa.

Para ela, viver como religiosa significa participar das humilhações de Jesus, isto é, de seu assumir a natureza humana, sua paixão e morte. Isto significa suportar pacientemente as tribulações que a vida oferece, procurar o último lugar, à imitação de Jesus. A vida religiosa é a imitação da vida de Jesus, que era humilde, manso, pobre, desprezado.

Este é o fundamento sobre o qual se constrói toda a vida de Marina Videmari: corresponder a Deus é, em primeiro lugar, imitar Jesus. É uma correspondência que tende a espelhar-se, isto é, a reproduzir em si os traços do rosto de

Milão, no Arquivo Generalício das Irmãs Marcelinas. As cartas que a Videmari endereçou a Mons. Biraghi foram publicadas em G. NICHETTI, *“Corrispondere a tanta misericordia. L'esperienza spirituale di suor Marina Videmari nelle lettere a don Luigi Biraghi*, Glossa, Milano 2010”.

Cristo. É uma correspondência que não requer, neste nível, um exercício de criatividade, mas de contemplação.

Um grande exercício de criatividade lhe exigirá, por outro lado, uma segunda prospectiva, a de corresponder à misericórdia de Deus na qual Marina vai se encontrar desde o início de sua nova vida.

Mons. Biraghi, na verdade, tendo em mente fundar uma congregação religiosa dedicada à educação de jovens, pensa logo nela como superiora deste Instituto. A Fundação, o desenvolvimento e a direção do Instituto das Marcelinas ocuparam toda a vida da Videmari, tanto que já não se consegue distinguir entre a vida da Videmari e a do Instituto.

Marina sente fortemente que permanecer com Jesus na vida religiosa deve concretizar-se numa missão operante, num agir concreto. O trabalho no interior do Instituto torna-se, então, sua principal preocupação. Podemos dizer que Marina é a mulher do fazer, mas, pensando assim, perdemos de vista que, na sua espiritualidade, o fazer, as obras de apostolado, constituem o discipulado cristão e não são exclusivamente um acréscimo material.

Ocupar-se como superiora da congregação será seu modo de corresponder à misericórdia divina. No trabalho, Marina deverá empenhar toda sua criatividade e ainda enfrentar situações difíceis.

Uma primeira vertente do trabalho será a de selecionar as coirmãs, ou melhor, as jovens que irão unir-se a ela no instituto. Uma vez entradas na congregação, será seu dever

orientá-las e designar a cada uma o lugar mais adequado. Marina desempenhará esta tarefa com todo cuidado, embora a situação do momento a leve a priorizar a missão que a congregação é chamada a desenvolver, mesmo sacrificando as aspirações pessoais de cada Irmã.

Uma segunda vertente será a administração dos colégios marcelinos. Marina procurará andar sempre conforme os tempos, seja no que diz respeito às leis civis, seja, especialmente, no que concerne às exigências da educação. Essa atitude de disponibilidade para adaptar-se à sua época vai lhe causar muitas críticas da parte dos ambientes eclesiais mais conservadores. Na verdade, ela viveu no período histórico do final do Estado Pontifício e qualquer adequação ao poder civil era interpretada como falta de fidelidade à Igreja.

A administração dos colégios significa, na verdade, a direção pedagógica dos mesmos, bem como a atenção aos aspectos materiais das construções, a qualidade da alimentação, o cuidado da saúde das alunas, que eram todas internas. Marina foi chamada a uma dedicação de trezentos e sessenta graus: devia zelar por todos os aspectos espirituais e materiais da vida das jovens confiadas a seus colégios.

Esse cuidado, que abrange também as estruturas materiais dos colégios, não a faz esquecer que as obras iniciadas pelas Marcelinas não constituem o objeto de seu corresponder à misericórdia de Deus, mas são apenas instrumentos. Ela corresponde à misericórdia de Deus através do apostolado educativo. Este é o essencial. Os colégios são um dos instrumentos através dos quais este dever pode ser cumprido.

Cuidar dos colégios e da congregação significa também zelar pela comunhão entre as religiosas e os alunos. A Videmari, em sintonia com a época em que vive, traduzirá esse cuidado pela união em cuidado pela uniformidade. Uniformidade no modo de agir não significa, na visão de Marina, sacrifício da individualidade, mas tutela da comunhão com o carisma original do Instituto.

Se o cuidado da Congregação constitui, por assim dizer, o aspecto exterior do corresponder à misericórdia de Deus, o aspecto interior se estabelece na dinâmica que conduz Marina do ser filha ao ser mãe.

Percebe-se claramente nesta carta que a Videmari confia inteiramente em Mons. Biraghi para ser orientada no corresponder à misericórdia de Deus.

Confia como jovem que tem necessidade de ser instruída: Padre Luigi a coloca em Monza, numa casa de educação; corrige os erros ortográficos de suas cartas; sugere-lhe leituras adequadas; procura-lhe professores competentes; estimula-a a obter o diploma de professora.

Confia como cristã, como religiosa, como superiora da Congregação. Mons. Biraghi a orienta com doçura, propondo-lhe uma vida cristã sem uma ascese e práticas devocionais exageradas. Por “vias planas”, assim ele as define, dirige-a para uma vida cristã “sólida”, centrada no essencial, ou melhor, em Cristo e na participação em sua paixão.

Em Mons. Biraghi Marina encontra um pai no Espírito. É uma reviravolta importante em sua vida, porque marca, de modo preciso, o limite entre o antes e o depois em sua

experiência cristã. A nova paternidade, na verdade, implica na reestruturação de todas as relações interpessoais: com a família de origem, em primeiro lugar, ela realizará um desapego definido e radical. Depois com as jovens a ela associadas por Mons. Biraghi. Agora, tudo se centraliza na partilha do Evangelho e da missão a ser cumprida.

Mas a nova paternidade implica também numa reestruturação da relação da Videmari consigo mesma: agora ela experimenta uma nova dependência, não em nível biológico, mas no desejo de corresponder à misericórdia de Deus. Em Biraghi, afirma-o claramente ela mesma na carta que acabamos de ler, ela reconhece o próprio Jesus Cristo presente e operante a guiá-la neste caminho de correspondência. Essa nova dependência que ela experimenta não significa renúncia à própria autonomia de pensamento. A Videmari manifestará, no decurso de sua vida, e suas cartas o testemunham, um caráter empreendedor, esperto, por vezes obstinado. Ela deverá, portanto, lutar consigo mesma para viver a dependência de Mons. Biraghi como instrumento de sua dependência de Deus, mas pode-se, talvez, dizer que este seu arrojo e sua vivacidade de caráter constituem um elemento essencial da correspondência à misericórdia de Deus. Corresponder, na verdade, não significa só obedecer, mas entrar numa relação dialogal, sem perder de vista a desigualdade no relacionamento com Deus, mas também a pessoa humana faz frutificar seus dons de inteligência, sensibilidade e vontade. Neste sentido, o ser humano interpelado por Deus por sua vez interpela Deus e Lhe pede uma revelação mais ampla⁶.

⁶ Sobre este aspecto da correspondência, nos demoraremos mais am-

Com a morte de Mons. Biraghi, esta dinâmica filial-materna deixa de existir. Com a ausência de padre Luigi, Marina se encontra plena e definitivamente destinada ao papel de mãe da congregação. A partir daquele momento, ela se torna o ponto de referência exclusivo para todo o Instituto: o dever de “gerar” a vida para a Congregação e na Congregação recai totalmente sobre ela.

A partir deste momento, a Videmari toma consciência de ter um papel materno, já exercido anteriormente, mas agora assumido com responsabilidade maior, porque vivido sem poder condividi-lo com Mons. Biraghi. Sua vida e sua ação não mudam em relação ao passado, mas muda justamente a consciência com que desenvolve o próprio serviço de guia da congregação. Assim, realiza-se nela um itinerário interior humano mais que cristão: todo homem e toda mulher, na verdade, aparecem no cenário deste mundo como filhos, mas, crescendo, são levados, pela própria fisiologia de seu ser humano, a gerar outros seres humanos, a tornarem-se pais e mães. Assumida, consciente e livremente no Espírito de Cristo, essa dinâmica humana leva a tornarem-se pais e mães na fé.

Essa dinâmica, que poderíamos chamar vertical, é acompanhada de outra, denominada horizontal.

À medida que o tempo passa, o Instituto cresce em número de pessoas e em obras; Marina Videmari assume, além da consciência de ser mãe, a de ser irmã. A materni-

plamente na contribuição que acompanha esta biografia espiritual de Marina Videmari

dade espiritual, como a paternidade espiritual, tem, como compromisso inerente, um resultado paradoxal: gerar para a fraternidade em Cristo. No final de sua vida, Irmã Marina toma consciência de ser irmã das senhoras que se associaram a ela no Instituto das Marcelinas. Torna-se claro que ela e as Irmãs da Congregação estão congregadas e, por isso, tornam-se irmãs na mesma fé em Cristo e no mesmo desejo de viver uma vida entregue ao Evangelho e por ele plasmadas. É este o título que as une no interior da congregação: viver o Evangelho. Isto cria entre elas um laço verdadeiro, profundo e duradouro. Um relacionamento de ajuda mútua no caminho em direção a uma única meta. Neste itinerário interior, a maternidade e a filiação espirituais não são esquecidas, mas transfiguradas.

Podemos observar algo semelhante no relacionamento de Marina com Mons. Biraghi.

Ela é uma filha espiritual obediente e dedicada que reconhece na pessoa do diretor espiritual, como ela mesma se expressa na carta que lemos, a própria voz de Jesus Cristo. Mas, ao longo do caminho que percorrem juntos, que dura mais de quarenta anos, essa relação filial de direção espiritual evolui para uma amizade espiritual. À medida que caminham juntos na realização da missão que Deus lhes confia, não é mais só Marina que é guiada, mas também Mons. Biraghi se deixa guiar por ela. Os dois, agora, acompanham-se: procuram juntos o caminho e a meta. Tornam-se, no Espírito, amigos no caminho da plena conformação com o Evangelho; e, nesse caminho, ajudam-se

reciprocamente. E essa ajuda recíproca se estende da ajuda material à estritamente espiritual.

Considerando-a em sua totalidade, a vida de Marina aparece como uma vida plena, fecunda. É uma mulher plenamente realizada, que encontra no corresponder à misericórdia de Deus o código sintético da própria existência. Por isso, pode despedir-se do cenário deste mundo com serenidade, satisfeita pelo caminho percorrido, embora consciente de sua fragilidade e de suas faltas. Parar e confiar a congregação às Irmãs que virão depois dela é também um modo de corresponder à misericórdia de Deus.

Coloquemo-nos ainda à escuta de suas palavras, lendo uma de suas últimas cartas, escrita em 14 de dezembro de 1890, poucos meses antes de sua morte, que ocorreu na madrugada do dia 10 de abril de 1891 e endereçada às Irmãs da congregação. Pode ser considerada seu testamento espiritual⁷.

⁷ Para aprofundar o conhecimento de Marina Videmari, remetamo-nos a: M. VIDEMARI, *Cenni storici sull'origine dell'Istituto delle Marcelline*, manuscrito em 1885, publicado em 1938 em Milão com o título *Alla Prima Fonte. Le origini e il successivo svolgersi della Congregazione delle Suore Marcelline, narrati alle sue figlie dalla veneranda madre fondatrice, Suor Marina Videmari*, publicado pela madre Carlotta Luraschi; Suor Marina Videmari, *Madre fondatrice delle Marcelline*, s.e., Milão, 1891; L. BIRAGHI, *Lettere alle sue figlie spirituali*. Volumes I-III, Queriniana, Brescia, 2002-2005; M. FERRAGATTA, *Monsignor Luigi Biraghi Fondatore delle Marcelline*, publicado por^a Rimoldi e G. Parma, Queriniana, Brescia, 1979; ID., *Parla la venerata fondatrice Madre Marina Videmari*, s.e., Milão, 1968; M. Marcocchi, *Luigi Biraghi e la Congregazione delle suore Marcelline: le radici spirituali in Ottocento romantico e civile. Studi in onore di Ettore Passerin d'Entrèves*, publicado por Nicola Raponi, Vita e pensiero, Milão, 1993, 229-244; ID., *Introduzione*,

Minhas caríssimas Irmãs e muito amadas filhas da Congregação das Marcelinas,

Antes da novena do Santo Natal, quero desejar-lhes, por escrito, que ele seja para vocês feliz e abençoado por Deus. Antes eu ia pessoalmente visitá-las e animá-las ao bem, dar-lhes caridosas admoestações quando isso fosse necessário, mas agora já não posso. Tenho minha idade. Muitas de vocês estavam ainda na mente de Deus, e eu já exercia meu penoso ofício de Superiora; porém agora sou velha, logo, seria imprudência expor-me à rigorosa estação. Considerem carinhosos os conselhos, as exortações, o quanto intenciono dizer-lhes.

Já se passaram onze anos do falecimento de nosso venerado Superior e, com o auxílio do Deus Misericordioso, nossa pobre nave velejou sempre bem, com um aumento de casas, de bens, de bênçãos de Deus.

A Casa de Chambéry, que estava para ser fechada, está salva. A escola não é próspera, e a Casa não se sustenta por si, mas com a ajuda da Casa Madre. Reina aí o bom espírito, a estima. Quanto ao resto, Deus providenciará.

Em Gênova, foi construído um novo Colégio, e o velho

em L. Biraghi, *Lettere alle sue figlie spirituali*. Volume I, Queriniana, Brescia, 2002, 5-21; ID., *Indirizzi di spiritualità ed esigenze educative nella società post- rivoluzionaria Dell' Italia settentrionale*, em ID., *Spiritualità e vita religiosa tra Cinquecento e Novecento*, Morcelliana, Brescia 2005, 435-468; G. NICHETTI, *Corrispondere a tanta misericórdia. L' esperienza spirituale di suor Marina Videmari nelle lettere a don Luigi Biraghi*, Glossa, Milão, 2010; G. PARMA, *Premessa*, em L. Biraghi, *Lettere alle sua figlie spirituali*, Volume 2, 1843-1849, publicado por G. Parma, Queriniana, Brescia, 2003; L. RA-DAELLE, *Madre Marina Videmari, Cofondatrice delle Marcelline*, s.e., Cini-sello Balsamo, 1988; E. ROCCELLA-L. SCARAFFIA (ed.) *italiane. Dell' Unità d' itália alla prima Guerra mondiale*, presidenza Del Consiglio dei Ministri, Dipartimento per l' informazione e l' editoria, Roma, 2004, 179-181

serve para os banhos de verão; o resto do ano poderei servir-me dele para uma escola festiva. Mais de oitenta juvenzinhas a frequentam, e toda a população de Albaro louva e bendiz a santa obra. É uma escola florescente, com grandes construções.

Alegro-me ver todas aquelas boas Irmãs se dedicarem com humildade e coração, progredindo do bom ao melhor.

O Colégio de Lecce, com oito anos de funcionamento, todos podem testemunhar, todos conhecem as dificuldades enfrentadas por aquelas pobrezinhas, o imenso trabalho daquela Superiora e Irmãs, o bom nome conquistado, o bom e santo espírito que aí reina, o auxílio que aquela Casa proporciona às menos favorecidas.

Vimercate, enriquecido de vitrais e com o aumento do número de Irmãs, prossegue bem. Embora sem um grande número de alunas, vive e é motivo de louvarmos o Senhor! A escola dos pobres, o numeroso oratório festivo, as santas obras de caridade continuarão as bênçãos de Deus. Cernusco, meu amado Cernusco, berço do Instituto, está se tornando a Casa da beneficência, o Instituto da Caridade. Com um número menor de alunas, Deus me conceda sua graça para que, com o jardim da infância, a escola Municipal e o oratório festivo possamos fazer muito bem. Coragem, minhas caríssimas. Ocupar-se gratuitamente em benefício do próximo é semente lançada; tenho firme confiança em Deus. Em Cernusco, repousa o corpo de nosso santo Fundador e ele lhes concederá a graça de salvar a Casa, sua cara escola, santificando todas as caríssimas Irmãs.

Em Amedei, quantas providências! Vitrais, um bom corpo docente. Com tantas externas, o empenho é maior,

mas, com a graça de Deus, foi uma casa que sempre me deu satisfação.

E Quadronno? Pobre Quadronno! Amada residência de muitas lágrimas e de imensas alegrias; casa do Noviciado, bastante numeroso este ano; casa de estudos e de muito trabalho no contexto atual. Escola com 160 alunas, administração geral de nossa congregação, contínuas visitas e empenhos de toda sorte. Creiam-me, é um milagre poder ter cabeça e tempo para tudo. Mas, quem sou eu enfim? Um bambu que Deus, com seu sopro, faz falar conforme sua vontade e de quem se servirá até quando achar bom, em seus imperscrutáveis desígnios; usá-lo, ou chamá-lo a si para substituir outra sentinela em Israel. Creiam-no. Nada temos de nosso a não ser os males que cometemos; esses são totalmente nossos. O bem vem de Deus. É Ele que impulsiona e executa. Quadronno, pois, com as bênçãos de Deus, foi também aumentado. Vejam, amadas filhas, providenciei-lhes um belo órgão na igreja; mais uma harpa para contentar alguns pais que desejam tal estudo para suas filhas. Estudos clássicos e universitários. Quantos gastos! Quantas preocupações! Quantas justas economias para não irmos à falência! Pelo amor de Deus, multipliquemos nossas orações, e o Senhor continuará a assistir-nos.

Foi uma grande satisfação para mim ver, no ano passado, nove Irmãs obterem Diplomas Universitários e voltarem humildes e despretensiosas a seus caros serviços e, mais que nunca, dedicadas à escola. As outras cinco, que voltarão daqui a poucos dias, duplamente doutoradas, essas também, certamente, não se darão grande importância. Edificaram-me sempre no ano da preparação. Oh! acreditem, quem mais sabe, mais conhece o imenso saber hu-

mano que ignora. Logo, tenho firme confiança em Deus que servirão a todas de exemplo de humildade, obediência e perfeição religiosa. Se não for assim, o que podemos esperar para o outro mundo? Oh! Pensemos, realmente, em nos tornarmos assim, eu e vocês.

Vejam, não é o caso de dar graças a Deus pela assistência concedida durante 52 anos, especialmente nos últimos? Mas, atentas! O demônio não dorme, e nossas paixões nunca são suficientemente vencidas.

O Card. Capecelatro, que nos visitou no ano passado, me disse: Madre, admiro seu Instituto, o bom espírito, a ordem e todo o conjunto da casa, mas cuide para que não se introduzam abusos e conte às Irmãs o quanto quero dizer-lhes.

Em 1866, encontrava-me no salão, aos pés do Santo Padre Pio IX, quando foi introduzido o Geral dos Carmelitas, que, em lágrimas, se lançou aos pés de S.S. exclamando: Santo Padre, estão fechando uma centena de conventos das Carmelitas. Onde colocar aquelas pobres religiosas? Oh! Santidade, maldiga tamanha tormenta.

Pio IX, com voz angelical, respondeu: Geral, deixe o Esposo agir. A tempestade fará cair os ramos secos, removerá as plantas parasitas e, renovado o terreno, florirá melhor que antes. Deixe o Senhor agir, replicou.

O Santo Padre não ignorava as dificuldades e as misérias que existem também em hortas fechadas e no jardim do Senhor; porém, considerava a supressão religiosa como purificação, castigo para conventos abastados, cem mil vezes mais ricos que nós. Há poucas semanas, vieram ter comigo dois distintos Missionários com altas recomendações, pedindo esmola para Irmãs Toscanas e Romanas em extrema

miséria. Foi um sofrimento ouvir aqueles Reverendos. Madre, ajude vinte mil pobres senhoras, uma parte abrigadas em cantos de quartel insalubres, nas calçadas, jovens em perigo, idosas decrepitas, sem pão, e centenas morrendo de doenças. Logo será uma mortandade.

Oh! bondosas Irmãs, ouviram quantas misérias? Quantos sofrimentos em pessoas que levaram uma vida cômoda e tranquila em seus Conventos? Muitos deles, em 1865, foram visitados por mim, pelas Superiores Rogorini e Simonini. Apavora-nos pensar que agora estejam em tão grande miséria e todos destruídos. Ah! minhas boas filhas, se quiserem que Deus nos assista e não sejamos também atingidas por tamanha desgraça, vivamos humildes, simples, afáveis como manda nossa regra, destruindo nosso infeliz eu.

Aproximando-se a santa solenidade do Natal, digo-lhes o que o Santo Precursor dizia às multidões: encham os vales com atos de virtude; abaxem as colinas vencendo o amor próprio; endireitem as veredas, continuando o caminho até agora tão abençoado.

Que Jesus Menino nasça em seus corações, concedendo as bênçãos e graças que desejo de coração a todas.

Eis o meu voto sincero. Que ele sirva como resposta às cartas que habitualmente me escrevem para as santas Festas.

Saúdo-as e rezem pela
Sua muito afetuosa Velha Madre

Giuseppe Nichetti

Corresponder: uma intuição espiritual

A biografia de Marina Videmari, reconstruída através dos documentos que nos chegaram às mãos, principalmente suas cartas, evidenciou a centralidade da categoria do corresponder.

Pareceu-nos que essa categoria poderia representar um aspecto sintético importante em torno do qual construir, também em nosso contexto contemporâneo, uma experiência espiritual.

O acaso, ou a Providência, permitiu que, enquanto nos dedicávamos ao estudo da caminhada espiritual da Videmari, deveríamos acompanhar a *lectio* contínua do livro do Êxodo. Pareceu-nos que na trajetória de Moisés poderíamos encontrar os fundamentos bíblicos de uma vida cristã marcada como correspondência à revelação de Deus.

Achamos o verbo corresponder particularmente adequado para exprimir a experiência espiritual, isto é, a relação que se estabelece entre Deus e sua criatura, entre Jesus e seu discípulo, entre o Espírito e o crente.

Parece-nos muito interessante que a nova tradução CEI da Bíblia tenha usado este verbo para falar da criação da mulher. Enquanto a versão precedente de Gn 2,18-20 cita: E o Senhor Deus disse: *“Não é bom que o homem*

esteja só; queremos dar-lhe um auxílio que lhe seja semelhante”. Mas o homem não encontrou um auxílio que lhe fosse semelhante.

A nova tradução diz ao invés: *E o Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só; queremos dar-lhe um auxílio que lhe corresponda”. O homem não encontrou um auxílio que lhe correspondesse.*

Assim diz o texto hebraico (em itálico, a palavra que nos interessa):

2,18 vayyo`mer ADONAY `elohiym lo`- tob heyot
ha`adam l`baaddo` e`eseh-lo `ezer *k`negdo*

2,20 ul`Adam lo`-masa`ézer *k`negdo*

O vocábulo hebraico *k`negdo* pode ser traduzido: estar de frente, ficar diante.

Se alguém me está de frente, posso olhá-lo, cruzar seu olhar, posso ser olhado por ele e, especialmente, diante deste tu que está em minha frente, posso reconhecer-me como eu. O outro que está na minha frente me faz tornar-me sujeito; o mesmo vale para ele: eu o faço tornar-se sujeito.

Isso provoca o crescimento de minha identidade. Estando de frente ao outro, eu me conheço, e esse conhecimento cresce progressivamente enquanto permanece essa relação.

Meu estar de frente ao outro, de uma maneira antes que de outra, provoca o outro a se manifestar a mim de formas diferentes.

O que acabamos de afirmar concernente ao ser humano, cremos que possa ser afirmado também no que concerne à revelação de Deus a ele.

Vejam na prática o que acabamos de afirmar do livro do Êxodo, no episódio da vocação de Moisés. Remetamo-nos a Ex 3,1-4,17, isto é, ao texto que vai da manifestação de Deus no meio da sarça ardente até a partida de Moisés no retorno ao Egito¹

^{3,1}Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Madiã. Conduziu as ovelhas para além do deserto e chegou ao Oreb, a montanha de Deus. ²O Anjo do Senhor lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia. ³Então disse Moisés: “Darei uma volta e verei este fenômeno estranho porque a sarça não se consome.” ⁴Viu o Senhor que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: “Moisés, Moisés”. Ele respondeu: “eis-me aqui”. ⁵Ele disse: “Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa.” ⁶Disse mais: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó”. Então Moisés cobriu o rosto porque temia olhar para Deus. ⁷Deus disse: “Eu vi a miséria de meu povo que está no Egito. Ouvi seu clamor por causa de seus opressores; pois eu conheço suas angústias. ⁸Por isso, desci afim de libertá-lo das mãos dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus,

¹O pano de fundo de nossa leitura é o volume de T.E. FRETHERN, Esodo, Claudianna, Torino 2004

dos amorreus, dos fereseus, dos heveus, dos jebuseus. ⁹Eis que o clamor dos filhos de Israel chegou até mim e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. ¹⁰Por isso, vai e eu te envio ao Faraó, para fazer sair do Egito meu povo, os filhos de Israel.”

¹¹Disse, então, Moisés a Deus: “Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os filhos de Israel?” ¹²Deus disse: “Eu estarei contigo. Este será o sinal de que eu te enviei: quando fizeres o povo sair do Egito, servireis a Deus nesta montanha”.

¹³Moisés disse a Deus: “Quando eu for aos filhos de Israel e disser: ‘O Deus de vossos pais enviou-me até vós’; e me perguntarão: ‘Qual é seu nome?’, que direi?” ¹⁴Deus disse a Moisés: “Eu sou aquele que é.” Disse mais: “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘EU SOU mandou-me a vós’ ”. ¹⁵Disse Deus ainda a Moisés: “Assim dirás aos filhos de Israel: ‘o Deus de vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó enviou-me até vós. Este é meu nome para sempre e esta será a minha lembrança de geração em geração.’ ”

¹⁶“Vai, reúne os anciãos de Israel e dize-lhes: ‘Iahweh, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó me apareceu dizendo: De fato, vos tenho visitado e visto o que vos é feito no Egito. ¹⁷Então eu disse: Far-vos-ei subir da aflição do Egito para a terra dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus para uma terra que mana leite e mel.’ ¹⁸E ouvirão a tua voz; e irás com os anciãos de Israel ao rei do Egito e lhe dirás: ‘Iahweh, o Deus dos hebreus, veio a nosso encontro. Agora, pois, deixa-nos ir pelo caminho de três dias de marcha no deserto para sacrificar a Iahweh, nosso Deus.’ ¹⁹Eu sei, no entanto, que o rei do Egito não vos deixará ir, se não for obrigado por mão forte. ²⁰Portan-

to, estenderei a mão e ferirei o Egito com todas as maravilhas que farei no meio dele; depois disso é que ele vos deixará partir. ²¹Farei que esse povo encontre benevolência aos olhos dos Egípcios; e quando sairdes, não será de mãos vazias. ²²Cada mulher pedirá à sua vizinha e à sua hóspede jóias de prata, jóias de ouro e vestimentas, que poreis sobre vossos filhos e sobre as vossas filhas; e despojareis os egípcios.”

⁴Respondeu Moisés: “Mas eis que não acreditarão em mim, nem ouvirão a minha voz, pois dirão: ‘Iahweh não te apareceu.’ ²Iahweh perguntou-lhe: “Que é isso que tens na mão?” Respondeu-lhe: “Uma vara” ³Então Ihe disse: “Lança-a na terra.” Ele a lançou na terra e ela se transformou em cobra, e Moisés fugiu dela. Disse Iahweh a Moisés: “Estende a mão e pegue-a pela cauda.” Ele estendeu a mão, pegou-a pela cauda, e ela se converteu em vara. ⁵“É para que acreditem que te apareceu Iahweh, o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó.”

⁶Iahweh disse-lhe ainda: “Põe a mão no peito.” Ele pôs a mão no peito e, tirando-a, eis que a mão estava leprosa, branca como a neve. ⁷Iahweh lhe disse: “Torna a pôr a mão no peito.” Ele colocou novamente a mão no peito e retirou, e eis que se havia tornado como o restante de sua carne. ⁸“Assim, se não acreditarem em ti e não ouvirem a voz do primeiro sinal, acreditarão na voz do segundo sinal. ⁹Se não acreditarem nesses dois sinais, nem ouvirem tua voz, tomarás da água do rio e a derramarás na terra seca; e a água que pegares do rio se transformará em sangue sobre a terra seca.”

¹⁰Disse Moisés a Iahweh: “Perdão, meu Senhor, eu não sou um homem de falar, nem de ontem, nem de anteontem, nem depois que falaste a teu servo, pois tenho a boca pesada,

e pesada a língua.” ¹¹Respondeu-lhe Iahweh: “Quem dotou o homem de uma boca? Ou quem faz o mudo e o surdo, o que vê ou o cego? Não sou eu, Iahweh? ¹²Vai, pois, agora, e eu estarei em tua boca e te indicarei o que hás de falar.”

¹³Moisés, porém, respondeu: “Perdão, meu Senhor, envia o intermediário que quiseses”. ¹⁴Então se acendeu a ira de Iahweh contra Moisés, e ele disse: “Não existe Aarão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele fala bem. E eis que virá a teu encontro e, vendo-te, alegrar-se-á em seu coração.

¹⁵Tu, pois, lhe falarás e lhe porás as palavras na boca. Eu estarei na tua boca e na dele, e vos indicarei o que deveis fazer. ¹⁶Ele falará por ti ao povo; e ele será a tua boca, e tu farás para ele as vezes de Deus. ¹⁷Toma, pois, esta vara na mão: é com ela que irás fazer os sinais.”

O texto nos diz, primeiramente, que Deus e Moisés se encontram um diante do outro. Aconteceu que Moisés viu uma sarça que ardia sem se consumir (Ex 3,2) e ficou curioso diante desse fato extraordinário. A curiosidade o levou a aproximar-se (3,3), e esta aproximação começou a provocar reações. Os dois, antes distantes, se aproximam.

Sabemos que não podemos construir a história com os “se” e, de modo especial, sabemos que devemos respeitar o texto na sua realidade, mas é evidente que, se Moisés não se tivesse deixado levar pela curiosidade, as coisas teriam acontecido diversamente: Deus teria que usar outra estratégia para chamar Moisés para realizar sua missão de guia de Israel.

A aproximação de Moisés à sarça provoca uma primeira manifestação de Deus, que o chama e o convida a reconhecer sua santidade, isto é, seu ser outro em relação a ele (3,4-5).

A reação de Moisés é uma reação de reconhecimento dessa diferença ontológica; de fato, ele cobre o rosto para não ver Deus (3,6), que não pode ser visto, porque pertence a uma dimensão na qual a criatura não pode entrar, senão saindo da própria dimensão existencial: por isso, diz o Antigo Testamento, não se pode ver Deus e permanecer vivo; é necessário morrer para ver Deus, porque o modo de existir de Deus não é o modo de existir do ser humano.

Essa reação de reconhecimento de Moisés dispõe Deus a uma manifestação de si mais precisa: Ele já se tinha apresentado como o Deus do pai de Moisés, de Abraão, de Isaac, de Jacó; agora se manifesta como o Deus que viu a miséria de seu povo Israel e quer libertá-lo (3,7). Não só: manifesta-se também como o Deus que manda, que confia uma missão de libertação (3,10).

Quem sou eu? (3,11) pergunta, então, Moisés. Ele é levado a interrogar-se sobre sua identidade: reconhece-se incapaz de colocar-se diante do faraó; não está à altura de corresponder-lhe, isto é, estar diante dele, sustentando seu olhar de igual para igual.

Esta objeção provoca uma nova revelação de Deus: *estarei contigo* (3,12). O Deus que envia Moisés é o Deus que se empenha em ficar a seu lado. Aqui também podemos ressaltar que, se Moisés não tivesse feito essa objeção, não teríamos tido esse crescimento na revelação.

Mas qual é o nome deste Deus que me envia e que estará comigo, pergunta Moisés; certamente aqueles a quem estou sendo enviado quererão sabê-lo (3,13). E eis uma nova revelação de Deus: *Eu sou aquele que sou* (3,14).

O colóquio entre os dois continua, em seguida, com novas objeções de Moisés e com novas revelações da parte de Deus sobre sua identidade, até quando Deus se inflama de cólera contra Moisés (4,14). Quando acontece esse inflamar da cólera de Deus? Quando Deus se vê impelido, pela resistência de Moisés, a escolher uma outra pessoa no lugar de Moisés, isto é, a chamar Aarão, para ajudá-lo em sua missão (4,14-17).

Não nos deixemos transtornar por este sinal da cólera de Deus, que parece desmentir tudo quanto estamos dizendo em relação à correspondência entre Deus e Moisés, abalando-nos diante da assimetria ontológica entre Deus e o homem.

Penso que esta cólera de Deus deve ser interpretada no sentido da *δρην*, isto é, da forte determinação com que Deus quer executar sua obra e, por isso, aceita até mudar seu próprio projeto, afim de levá-la ao cumprimento. Antes, diríamos que o desencadear da cólera divina confirma que a relação que Deus instaura com Moisés é uma relação de correspondência. Moisés está diante de Deus como alguém que não tem medo dele. A percepção da majestade divina não o reduz à passividade, não suscita nele uma completa e pronta obediência². Deus não viola a liberdade de Moisés. Os dois correspondem: plasmam-se reciprocamente.

Parece-nos que essa dinâmica percorra não só estes primeiros capítulos, mas todo o livro do Êxodo.

² Acho que deveríamos meditar longamente neste aspecto. Estamos acostumados a conceber a fé como uma experiência de obediência cega e imediata. A Escritura, ao invés, testemunha uma dinâmica de fé diferente: o acesso não é nunca imediato, e é sempre acompanhado de um ver e de um interrogar.

Não somente. Podemos encontrar esta dinâmica, com matizes diversos e expressos de modo menos explícito de quanto aconteceu no caso de Moisés, também em outros livros bíblicos. Por exemplo, as vicissitudes de Judite e Ester nos respectivos livros. Ambas dinamizaram toda sua inteligência, o que para nossa sensibilidade é, na verdade, astúcia, para corresponder ao dom da fé.

São mulheres criativas, não se contentam de percorrer caminhos já traçados; aceitam o risco de perder tudo, até a própria vida. Fazem interagir a fé, a inteligência, a análise da situação na qual se encontram e inventam uma nova solução capaz de exprimir sua fé e de fazer avançar a revelação de Deus a seu povo.

Todo o livro do Deuteronômio, estruturado sobre explicações da Lei e busca de um bom governo, exprime essa mesma dinâmica de correspondência³.

³ Cfr. P. D. Miller, *Deuteronomio*, Claudiana, Torino 2008, 40: “A narrativa do Deuteronômio coloca as raízes da necessidade da organização e das formas de governo para obter as bênçãos de Deus, promessa feita a Abraão muito tempo antes. A promessa de bênção e de uma descendência mais numerosa que as estrelas do céu (1,10-11), feita a Abraão e a Sara (Gn 12,1-3; 15,5; 22,17), se cumpre agora para este povo numeroso e para o país que lhe é concedido. Mas o cumprimento não significa que tudo é perfeito e que não há nada mais a fazer, como se a história entre Deus e seu povo fosse um conto de fada, que acaba quando o fim principal é atingido, e o narrador diz: “E viveram felizes e contentes”. Pelo contrário, o Deuteronômio tenciona dizer, na realidade, que receber o dom da salvação abre possibilidades maravilhosas, mas as coisas não acabam aqui. A bênção traz consigo empenhos e responsabilidades de modo diferente de quando a promessa não tinha sido cumprida. O Deuteronômio sublinha que de agora em diante a bênção, os dons e a prosperidade, pelo fato de sua existência, impõem obrigações, requerem um governo e exigem responsabilidades e atividades compartilhadas.

O tema da correspondência continua também no Novo Testamento. Uma dinâmica semelhante, na verdade, podemos encontrá-la em todos os encontros de Jesus narrados no Evangelho.

Pensemos, só para dar um exemplo, no encontro de Jesus com Marta e Maria no momento da morte de Lazaro (Cfr Jo 11). Diante de Cristo, Palavra viva de Deus e sua inigualável-revelação, a dinâmica da correspondência-revelação torna-se ainda mais evidente, porque o encontro direto do homem com o Messias torna imediatamente perceptível que a manifestação de Deus, que acontece no encontro humano, exige a correspondência dos dois sujeitos envolvidos, para que a dinâmica do conhecimento do outro - individualização do sujeito - crescimento recíproco da revelação/conhecimento ao outro/do outro possa realizar-se⁴.

Por que a categoria do corresponder nos parece particularmente significativa para descrever a relação entre Deus e o ser humano?

Poderíamos dizer, em resumo, que “corresponder” nos parece mais respeitoso da pessoa humana com referência às categorias mais comuns de relação e de obediência.

A categoria de correspondência, na verdade, implica mais expressamente o envolvimento da liberdade e da vontade

Quando a promessa se realiza, num certo sentido, é apenas o começo; a vida torna-se agora mais complexa, exige um bom governo e sabedoria, requer uma estrutura, ordem e igualdade em proporção ainda maior que antes.”

⁴ “Diferentemente da palavra originária da criação que fazia a criatura existir, a da revelação – no Antigo como no Novo Testamento – nos proporciona uma escuta e requer uma acolhida para realizar-se”. (X. LÉON-DUFOUR, *Lettura dell'evangelo secondo giovani, Paoline, Cinisello Balsamo 1992*, vol. II, 72)

humana. O relacionamento com Deus é uma realidade que prescinde da liberdade humana, porque toda criatura de Deus está em relação com Ele, consciente ou inconscientemente. Por outro lado, só consciente, livre e voluntariamente se pode corresponder a uma e em uma relação.

A correspondência pede ao sujeito de estar à altura de sua humanidade, isto é, viver em plenitude o seu ser homem e/ou mulher, de estar à altura da situação na qual venha a se encontrar.

Estar à altura da própria humanidade significa viver em cada momento todas as dimensões antropológicas constitutivas: racionalidade, afetividade, vontade, espiritualidade e colocar tudo isso em cada situação da existência.

A categoria de correspondência parece-nos capaz de integrar a dimensão histórica do ser humano, ou seja, de operar mudanças nas pessoas com o passar do tempo e as determinações da própria liberdade e a dos outros. A correspondência pressupõe que a liberdade do sujeito não seja a única envolvida no relacionamento. Para que haja correspondência é necessário que haja duas liberdades interagindo. No relacionamento, ao contrário, é suficiente a liberdade de quem estabelece a própria relação, visto que pode prescindir do envolvimento do objeto.

A correspondência requer dois sujeitos que se moldam pelo agir recíproco. Por isso, parece particularmente sugestivo aplicar à categoria de correspondência o relacionamento entre Deus e a humanidade.

A categoria de correspondência permite manter aberta a

Revelação, visto que os homens e as mulheres são sempre novos e, logo, correspondem de maneira sempre nova às manifestações de Deus. Deus continua a dizer algo de novo. Portanto, a Revelação não é fechada, embora nunca ultrapasse sua forma cristológica. Parece-nos que a afirmação de Gregório Magno nas homilias sobre Ezequiel: “Scriptura crescit cum legente” diga exatamente o que estamos dizendo, isto é, correspondendo com sua liberdade historicamente determinada e factualmente configurada, os crentes “provocam” uma manifestação de Deus mais profunda.

Poder-se-ia objetar que nenhum acréscimo da revelação de Deus é causado pela correspondência do homem porque tudo já foi revelado em Cristo. Isso é evidente, mas, quando estamos afirmando, subentende-se que é relativo à espiritualidade, isto é, à apropriação subjetiva do objetivo cristão. Nessa perspectiva, tem-se objetivamente um acréscimo da revelação de Deus ao sujeito, revelação que “corresponde” ao sujeito, isto é, que acontece levando em conta como o sujeito se situa, ou melhor, corresponde à própria revelação.

Poderíamos dizer de outro modo que a correspondência é um cuidado pessoal de cada homem e cada mulher por parte de Deus, que se revela ao sujeito de modo proporcional ao próprio sujeito. Por proporcional deve-se entender não somente que a pessoa humana seja ontologicamente adequada à revelação divina, mas também que a revelação de Deus acompanha a transformação histórica da pessoa.

Uma espiritualidade vivida na perspectiva da correspondência a Deus opera um reposicionamento dos sujeitos envolvidos na relação. Na verdade, significa que Deus não está somente acima do sujeito, porque é Deus; em baixo do sujeito, porque é o fundamento da vida; atrás do sujeito, porque o protege; mas também na frente do sujeito, isto é, relaciona-se com ele de igual para igual.

Viver uma espiritualidade na perspectiva da correspondência significa viver consciente de que Deus me acompanha passo a passo, dialoga comigo, responde às minhas perguntas, respeita meu ritmo, me levanta nas quedas, aguarda-me quando perco o caminho. Viver na correspondência significa que o homem e a mulher são diariamente convocados a exercer a própria inteligência e criatividade para plasmar a própria vida e a história na qual vivem segundo o coração de Deus. A categoria da correspondência sublinha mesmo esse esforço da inteligência e da criatividade humana na busca da resposta a ser dada a Deus, resposta que nunca é predeterminada, porque a relação entre Deus e o crente é uma relação individual e original, logo, sempre nova .

A categoria de correspondência, acreditamos tê-lo demonstrado, já que envolve Deus e o homem num diálogo ininterrupto, requer continuamente a referência à história atual do sujeito. Justamente por isso, parece-nos que esta categoria possa ser assumida como fundamento da espiritualidade em nossa época. Parece-nos, efetivamente, que essa categoria seja particularmente “correspondente” ao nosso tempo. Um tempo no qual a pessoa percebe a própria centralidade também no que

se refere à experiência da fé. Assumir esta categoria parece-nos propiciar uma ordem espiritual que, apesar de defender a assimetria da relação Deus-ser humano, assume a historicidade do homem e da mulher contemporâneos e a integra no caminho cristão. Na verdade, nesta perspectiva espiritual, eles mantêm sua centralidade, mas se lançam para a superação do solipcismo porque a realização assume uma disposição elíptica, estabelecida sobre dois focos, a própria pessoa humana e Deus.

Elsa Antoniazzi

Corresponder porque mulher

Quando se estudam línguas estrangeiras encontram-se palavras que em nossa língua se exprimem com um gênero diferente e se pergunta por quê. Por exemplo, para nós, pensamento é masculino enquanto que no francês é feminino: la pensée, por quê?

Impossível adiantar-se nessa pesquisa. Mais possível e obrigatório é perguntar-se como esta palavra, esse conceito, essa categoria cultural, espiritual e algo mais possa e deva ser vivido pelas mulheres, que não são homens. Um pouco por instinto, um pouco por muitos aspectos, temos um pensamento único, mas esta pequena parada diante do assunto nos permitirá conhecer melhor e, por isso, exprimir o “gênio feminino” que, com a palavra de João Paulo II, recebeu plena cidadania também nas reflexões eclesiais.

Uma congregação feminina, cuja fundadora deixa como herança a categoria espiritual da correspondência a Deus com a comprometida pergunta “como corresponder frente a tanta misericórdia”¹, é questionada sobre a dimen-

¹ Marina Videmari, Lettera a Mons. Luigi Biraghi in G. Nichetti, “Corrispondere a tanta misericordia”. *L'esperienza spirituale di suor Marina Videmari nelle lettere a don Luigi Biraghi*, Glossa, Milano, 2010,3.

são feminina desse corresponder que, além do mais, ainda faz parte da herança de Marina Videmari.

Na lembrança impressa depois de sua morte, suas Irmãs, para deixar como recordação da Madre,² escreveram: “mulher de alma viril / cristã de fé simples e robusta[...]” Hoje a expressão não nos atrai, aliás, pode chocar. Para entender é necessário lembrar que ela corresponde à tradução grega de Pv 31,10 na qual a mulher é definida com o adjetivo hebraico *hail*. Este adjetivo é, na maioria das vezes, usado no Antigo Testamento para expressar a coragem e a força do soldado; daqui a idéia da tradução dos LXX de se referir à capacidade masculina para designar a mulher. Hoje traduzimos como “mulher de valor”³. Escrevendo “mulher de ânimo viril” as Irmãs reconhecem uma Irmã fiel ao ideal proposto pela regra.

² G. NICHETI, p. 296. “À devota memória de / Irmã Marina Videmari / fundadora do Instituto das Marcelinas / mulher de espírito viril / cristã de fé simples robusta / o talento, a operosidade, os tesouros do afeto / para a glória de Deus e o bem de suas filhas / fundou / sete colégios de educação / lar à sociedade de virtude forte amável / das bases construídas / com destemida sabedoria / governou”. Na nota número 2 o autor sublinha: “O atributo “viril” com referência à mulher tem uma raiz “bíblica”. A referência é às mulheres fortes e virtuosas de Antigo Testamento (Judite, Ester, Rute,...) e a Ecl 26,2 segundo a versão dos LXX, onde a expressão ocorre literalmente. Nota-se a assonância também com a “maschia Giaele” manzoniana (cfr. A. MANZONI, *Marzo* 1821). A essa lista acrescenta-se a mulher de Pr 31,10 (ver nota seguinte).

³ Na tradução seguimos Donatella Scaiola que, embora hesitando, opta pelo termo “valor”. Cfr D. SCAIOLA, *Uma donna perfeta? A propósito di Proverbi 31,10-31*, in *Annali di studi religiosi*, Centro per le scienze religiose in Trento, 6 (2005), EDB, Bologna, 2000, pp. 321-333.

Muitas vezes, na verdade, fala-se da mulher do livro dos Provérbios 31,10ss. Essa figura é objetivo educativo para as alunas, como se lê no capítulo dedicado à escola:

Como agrada ver Sara, a mulher de Abraão, nobre e rica, porque princesa, à chegada de três estrangeiros, tomar três medidas de farinha, amassá-la e fazer pão, e Rebeca, sua nora, mãe de Jacó, tomar dois cabritos, preparar saborosas carnes do gosto de seu pai. E como comove o espetáculo das viúvas que choram a morte de Tabita e se apresentam ao apóstolo Paulo mostrado-lhe a roupa e os vestidos que Tabita lhes fazia. Por isso, o Espírito Santo (Provérbios, último c.), fazendo o elogio da mulher de valor, louva-a pela habilidade nos trabalhos da lã e do linho, pela solicitude em fazer roupas e manter toda a família bem vestida. Por amor ao fuso e à roca, pela habilidade em fazer véus e cintos para vender aos mercadores, pelo cuidado de levantar-se em tempo para orientar bem os empregados e tudo junto para suas esmolas e para sua devoção. Eis os bons preceitos e eis os exemplos que devem ter diante dos olhos as meninas⁴.

Este texto bíblico é também referência importante para as Irmãs, por exemplo, para os capítulos dedicados às várias encarregadas e às Irmãs da cozinha, dado que a consagração religiosa era proposta pelo Biraghi e vivida pelas primeiras religiosas como um caminho que leva cada uma a viver plenamente seu modo peculiar de ser mulher.

A vida religiosa, porém, como cada carisma da Igreja, não vive para si mesma - e o mesmo diz com eficácia nos-

⁴ *Regola delle suore Orsoline di Santa Marcellina*: Dell'educandato, 53; Delle varie incaricate 85; Delle Ajutanti o sia cuciniere 101.

sa Primeira Regra⁵. A religiosa é chamada a viver para os outros, para as pessoas às quais destina seu serviço, mas destina-o, mais amplamente, à realidade da Igreja da qual é testemunha. Por isso, é louvável e importante dizer-nos e dizer o quanto e como o corresponder, o nosso corresponder de mulheres, participa do caminho de todos os homens e de todas as mulheres de fé. Corresponder, hoje, é gesto de fé importante porque gesto humanamente persuasivo: todos nós procuramos um diálogo com o outro, com o Outro - ou mais explicitamente com o Deus de Jesus Cristo - no qual podemos estar presentes com toda nossa subjetividade.

A correspondência é um termo já fora de uso⁶. A mensagem pelo correio eletrônico suplantou quase completamente a carta, a quantidade de cartas sobre a mesa e nas gavetas, cartas a ler, reler, conservar, responder. A correspondência não ocupa mais espaço em nossas casas, unicamente na memória de nossos computadores, que, por vezes, a perdem. Pode-se ainda fazer história questionando,

⁵ *Regola delle suore Orsoline di Santa Marcellina*, 33: “ Vocês não são religiosas somente para si, mas em boa parte também para o próximo e, especialmente, para as crianças a educar”.

⁶ Esta passagem da reflexão é um aprofundamento de uma conversa sobre o tema com Antonella Cattaneo Cattorini.

publicando cartas? Talvez não. Então teremos que encontrar maneiras novas, não só para nos comunicarmos entre nós, mas para conservar traços das relações que, comunicando, tecemos.

As relações nos constituem e as construímos mesmo porque encontramos maneiras para corresponder e mesmo porque entre nós, de algum modo, correspondemos: não só comunicações unilaterais, mas escuta recíproca e recíprocas respostas.

Com Deus as coisas acontecem igualmente assim. A salvação que Ele nos revelou, na qual nos envolveu, passou e passa pelo diálogo que Deus abriu com a humanidade.

Corresponder, pois, requer uma relação a ser construída, a ser guardada no concreto do gesto: e este é um traço no qual a mulher se encontra à vontade. Em toda cultura, a mulher aprendeu a tecer e, a isso foi destinada, a segurar os fios juntos, a percorrer a trama e a urdidura para conseguir o tecido. É um costume antigo e característico do gênero feminino, que sempre – justamente – constrói vínculos.

Por isso, a pergunta que nos abre a possibilidade e o compromisso de corresponder à misericórdia de Deus, para cuidar da relação com Ele, com sua presença amorosa para conosco e toda a humanidade na lógica do evangelho de Jesus, é experimentada como boa, salvífica, como dom.

Historicamente, a vida religiosa construiu-se sempre a partir de uma regra, motivos práticos, mas, antes de tudo, de um sentido profundo de consagração. Consolidar-se num caminho que seja “escola”, como dizia São Bento⁷, para viver a radicalida-

⁷ Regra de São Bento, Prólogo.

de evangélica. Na história nós, consagrados, avaliamos a pobreza, reduzindo-a a boas intenções. Com a Lei de Deus, soube-mos distorcer o primeiro projeto com nossas leis. Do cuidado da salvação a gestos vazios. A pergunta de Marina ajuda-nos a manter intacto o sentido de nosso aderir, de nosso “abraçar a regra”, como se exprimia a linguagem do passado.

Por outro lado, a contemporaneidade nos forçou a rever a essencialidade desde o concílio Vaticano II; assim, o corresponder se torna critério de discernimento.

Sobre a sociedade, já foram questionados todos os aspectos de sua liquidez⁸. Mas, não somos peixes, precisamos de terra. Esta não coincide com o passado, com o que havia antes. Fazer própria a pergunta de Marina talvez nos permita ancorar em terra, realidades novas, sobre as quais apoiar-mos nossos pés. Se nosso viver cristão chegar a isso, nosso educar oferecerá instrumentos para a vida. E torna-se missão apaixonante para todo o crente.

O corpo das mulheres é marcado pelo tempo, pode escandilo-lo, é bem consciente do presente, do passado, do futuro: é difícil para uma mulher nivelar-se ao presente, esquecendo o resto. Assim, o tempo que passa interpela nossa existência. As mudanças evidentes que vivemos obrigam-nos a perguntar-

⁸ Cfr. Z. BAUMANN, *Liquid Life*, Polity Press, Cambridge 2005; trad. It. *Vita liquida*, Laterza, Roma-Bari 2007.

mos com frequência em nossa vida: e agora, como estou? O que este tempo diz de mim? Por isso o corresponder e a pergunta que isso exprime nos comprometem. Na verdade, não é exclusivamente feminino, mas a mulher o vive com clareza.

O próprio Deus respeita o tempo. Prova do não retorno é a lapidar expressão de Paulo: quando “veio a plenitude do tempo”⁹. E o transcurso do tempo era e é protegido por Deus, considerado por Deus. Só então se deu o nascimento de Jesus. E o antes e o depois não são tempos vazios; cada etapa tem seu sentido e sua presença de Deus.

Em termos mais afetivos, a lenda de Chiara de Montefalco exprime algo semelhante. Na igreja dedicada a ela, encontra-se um afresco em que é pintada criança com Jesus da mesma idade (5-6 anos) ao lado¹⁰. Tendo entrado no convento naquela idade, seguindo as Irmãs, sofria pela falta de crianças da mesma idade com quem brincar: Jesus se faz presente como criança para poder brincar com ela. A misericórdia de Deus leva em consideração nossos tempos, revela-se como somos capazes de acolhê-lo. Por isso, o passar do tempo e a consciência perspicaz em que vivemos é dom de abertura a ser compartilhado com todos e para todos.

Após o concílio Vaticano II, a vida religiosa empenhou-se muito em apoiar o movimento enxertado pelo evento conciliar. Nesses 50 anos, a vida religiosa expressou de di-

⁹ Gal 4,4: “Mas quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para resgatar os que estavam sob a Lei, para que recebessem a adoção de filhos”.

¹⁰ Cfr. G. DUBY – C. FRUGONI, *Mille non più mille, viaggio tra le paure di fine millennio*, Rizzoli, Milano 1999, 42-43

versos modos esse exigente dever da Igreja e, nela, da vida consagrada, exprimindo-o com diversos termos: “aggiornamento”, inculturação, encarnação, renovada fidelidade carismática. Atrás dessas expressões, talvez pouco imediatas para os não familiarizados, esconde-se o compromisso de obedecer ao mandato conciliar: tornar-se para todos “sinal de fraternidade que permite e reforça um diálogo sincero”¹¹.

Não foi sempre fácil entender a pergunta em sua profundidade e nem mesmo sempre simples reconhecer o essencial e fazê-lo reconhecer como tal. O desejo do anúncio impelia e obrigava, era dever, que às vezes se assemelhava ao cansaço de Sísifo, que nunca acabaria.

Os tempos e as culturas mudam cada vez mais velozmente: pensemos com que rapidez a sociedade italiana se tornou multiétnica. Assim, na Igreja, ir ao encontro do próximo exigia mudanças rápidas, linguagens novas e outras coisas mais. Uma vez mais a pergunta e o desejo de corresponder vem em nosso auxílio.

Uma congregação dedicada à educação e à saúde vê os rostos a quem se dirige mudarem continuamente, mas não é o que acontece a toda mãe, a todo pai que, diariamente, veem os próprios filhos mudarem? O desejo de corresponder e não simplesmente transmitir uma tradição pode tornar essa escuta contínua, esse dever de aprender continuamente novas linguagens, um apaixonante estilo de vida. Por isso, o futuro não assusta e é mais fácil resistir à tentação de fechar-

¹¹ Gaudium et Spes no. 92

-se na lembrança: um coração cheio da misericórdia de Deus sabe que existe sempre um hoje no qual pode “retribuir” a Deus, como ensinava São Francisco¹². O coração de todos pode ser, por isso, um coração grato à misericórdia de Deus, que se manifesta nos tempos. E esses são oportunidades para encontrar rostos que se interpelam e solicitam relações. O futuro se torna maravilhosa ocasião para descobrir a infinita benevolência de Deus e ainda agradecer por novas vias.

Lemos no texto que precede estas páginas: o inédito é fruto do entrelaçamento do agir do homem e de Deus. E nesta ordem: Deus se “adapta” à liberdade do crente e, assim, a história de cada um, história feita de escolhas, assume um grande e maravilhoso peso: a possibilidade de corresponder.

Hoje, toda mulher carrega em si a lembrança, além da idade, de um percurso de libertação. Como acontece com frequência, foi e é um caminho longo, duro, variado como toda realidade humana não isenta de contradições. Hoje, exprimir a própria subjetividade feminina é considerada passagem óbvia da vida;

¹² *Regola non bollata Cap XVII, 17-19*: “E retribuamos ao Senhor Deus, altíssimo e supremo, todos os bens e reconheçamos que são todos seus e por todos eles rendamos graças porque procedem todos Dele. E o mesmo altíssimo, único, supremo e verdadeiro Deus tenha, e lhe sejam retribuídos, e Ele mesmo receba toda honra, adoração, todo o louvor e toda bênção, toda doação de graças e toda a glória, pois todo bem é seu e só *Ele é bom*”.

todavia, também a mais jovem mulher sinaliza que de mil maneiras esta realidade não nos é dada por si. E o modo como tantas mulheres são, hoje ainda, maltratadas lembra-nos tristes inclinações das quais ainda não somos isentas.

O que isso tem a ver com o corresponder a Deus? Se isso significa que a liberdade de cada uma é considerada na sua singularidade, então, colocar-nos a pergunta de Marina Videmari é importante. Quando nos perguntamos como corresponder, fazemos com que nossa história de mulheres participe de nossa relação com Deus. A história de Deus com seu povo não nos imerge numa realidade obscura na qual podemos nos perder como mulheres e como mulher, cada uma com as próprias particularidades. Há um dom para cada uma e cada um; há um corresponder próprio de cada um.

A categoria espiritual não a inventaram algumas mulheres, ela já existia antes de Marina; mas, talvez, seja interessante lembrar duas coisas. A primeira, é que para as mulheres, com frequência, a relação com Deus foi lugar e ocasião para exprimir uma subjetividade absolutamente humilhada pelo ambiente que as cercava. Em segundo lugar, um elemento significativo da história do Instituto das Irmãs Marcelinas adquire realce. As Irmãs Marcelinas foram as primeiras na Itália a frequentar uma faculdade¹³ com o intuito de

¹³ Cfr L. SCARAFFIA, *Dal 1850 alla "Mulieris Dignitatem"*, in L. SCARAFFIA E G. ZARRI, *Donna e fede*, Editori Laterza, Bari 1994, 459. As Marcelinas de Milão inauguram as escolas superiores femininas, pelo que era necessário o diploma. No mundo eclesial, porém, não era obvio: Scaraffia assinala como ainda em 1907 Pio X "reafirma o acesso às universidades leigas só aos religiosos engajados na atividade educativa sem

oferecer uma escola de boa qualidade e com a possibilidade de responder às exigências do Ministério.

Gesto inusitado, concluído não por consciente feminismo, mas por exigência de bem servir, de cumprir aquela missão educativa na qual a congregação identifica a forma principal de seu corresponder a Deus. Não seria conforme a realidade fazer de Marina Videmari e das primeiras mulheres comprometidas com a emancipação feminina, porém, embora no meio de categorias muito tradicionais, percorreram caminhos novos e não habituais porque movidas pelo desejo de bem corresponder.

Esse é apenas um fenômeno evidente, como a ponta de um iceberg. Em baixo está o corpo de uma vida cotidiana que, do corresponder, recebe dignidade absoluta, dinamismo. A “mulher forte” do livro dos Provérbios 31,10, à qual é comparada Marina, é a figura da sabedoria¹⁴. A mulher que

fazer alusão às religiosas”. Veja além disso: G. ROCCA, *Donne religiose. Contributo a una storia della condizione femminile in Italia nei secoli XIX-XX*, Edizioni Paoline, Roma 1992, 98-99, citato da M. FARINA: *Donne consacrate oggi: di generazione in generazione alla sequela di Gesù*, Paoline Roma, 1997, 98-99. O epistolário nos dá um testemunho ulterior. Na carta de 14 de dezembro de 1890, na qual Madre Marina delinea um panorama da situação das Congregações, lembra: “estudos clássicos e universitários: quantos gastos! Quantas preocupações!” e faz menção de Irmãs “duplamente diplomadas”, sinal de uma praxe consolidada: cfr em G. NICHETTI, “*corrispondere a tanta misericordia*”. L'esperienza spirituale di suor Marina Videmari nelle lettere a Pe. Luigi Biraghi, 330.

¹⁴ O texto sugere essa identificação por causa da glosa evidente do versículo 30: “mulher o temor do senhor será louvado”. E mais abaixo: Torna-se imagem da presença e do cuidado de Deus pela criação”, antes que pelo seu povo.

trabalha no próprio tempo, na própria história, atenta ao bem estar dos filhos, da família, torna-se imagem da presença de Deus junto a seu povo. A consagração, a dedicação à própria missão é pensada assim por Biraghi, assim vivida e transmitida por Marina e pelas primeiras Irmãs. E uma vez mais é para todos.

O caminho conciliar faz-nos conhecer nesses traços uma realidade que não é exclusiva da consagração, mas de todo batizado e batizada; por isso, torna-se palavra boa a ser partilhada. É por isso que, em tempos de contínua mudança, podemos viver e oferecer um critério de compreensão de nosso servir: ajudamos os jovens – e não somente – a corresponder à misericórdia de Deus?

Corresponder, porém, tem um aspecto mais imediato e mais forte. O verbo significa dar o que é justo, em proporções justas; tem um valor econômico. É possível pensar que isso possa ter um sentido na relação com Deus? A pretensão de cumprir de modo adequado o próprio dever poderia soar como uma profanação e, certamente, não era isso que Marina pretendia. Olhando bem, todavia, colocar-se a pergunta do como corresponder subentende uma avaliação.

É importante reconhecer a medida incomensurável da misericórdia de Deus, como sugere Paulo: “Que Cristo habite pela fé nos vossos corações; assim, arraigados e fundados na caridade,

possais compreender com todos os santos qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade e conhecer também o amor de Cristo que excede todo entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus”. (Ef 3, 18-19).

Não podemos e não queremos considerar como um dado de fato a infinitude do amor de Deus. Certamente não pode ser uma valoração que busca limites, medidas, mas que percebe o quanto é importante cantar a grandeza de Deus, seu poder, ilustrar com precisão os lugares, os momentos de sua manifestação como fez Maria em seu cântico. Permanecer nesta maravilha, contemplar, se quiserem.

Mulher é “eco”, e é importante escutar o eco da presença de Deus, da sua Palavra, nos Sacramentos, na história que nos concede viver.

Diante de Deus, a medida da resposta do crente não pode ser senão a radicalidade: com todo nosso coração, nossa força e nossa mente. Fica, porém, a correspondência de quem já foi salvo, amado e, por força disso, ama e testemunha a palavra de salvação doada. Longe da mentalidade de Marina - Irmã do século XIX - como da nossa, toda hipótese de que pelo esforço se possa conquistar essa radicalidade: antes, experimentar a alegria de ter recebido uma medida: a radicalidade.

Nesse ponto é importante lembrar uma expressão de realce na regra e na espiritualidade Marcelina: As vias planas. Marina se coloca a pergunta e recebe deste convite a modalidade: amem as vias planas¹⁵.

¹⁵ *Regola delle suore Orsoline di Santa Marcellina*, do Internato, 56:

A expressão tem uma longa história, já usada por São Francisco de Sales e não significa acomodar-se na banalidade do cotidiano e muito menos numa via fácil. Segundo o autor francês, as vias planas remetem a uma santidade vivida no interior de vidas leigas, diríamos hoje, a via plana é uma via de santidade que não tem necessariamente necessidade do convento, afastamento absoluto do mundo para ser percorrida. E isso, para viver no interior de todas as situações a relação com Deus e poder testemunhá-la.

Corresponder à misericórdia de Deus é conter o infinito, inclinar-se sobre o cotidiano, não desprezar nenhum aspecto da existência para dar a Deus o que é de Deus.

A história das mulheres dá-lhes a oportunidade de ficarem sempre aderentes à normalidade: é difícil para uma mulher viver sem levar em conta o concreto da vida, dos lugares, da maneira como ela acontece. E isso nos torna fácil compreender como percorrer as vias planas, assumir o próprio tempo, passos para uma vida concreta que pode ser ocasião de testemunhar o Deus de Jesus Cristo.

“amem as vias planas, o andar simples, e que os corações sejam sinceros, abertos, alegres: assim caminha-se firme e bem”.

Traços biográficos de Marina Videmari

1812, 22 agosto: nasce em Milão de Andréa e Maria Guidetti, a terceira de onze filhos, e foi logo batizada no Duomo, sua paróquia. Recebe uma instrução de base, frequentando as primeiras classes elementares.

1828: o irmão Giovanni entra no seminário e tem, entre os professores, padre Luiz Biraghi.

Aos vinte anos, manifesta o desejo de tornar-se religiosa Visitandina, mas seus familiares se opõem por causa de sua saúde frágil.

1837: participa dos exercícios espirituais pregados por padre Luiz Biraghi e decide dedicar-se à vida religiosa, seguindo as indicações e o projeto do Padre Luiz Biraghi, ao qual se confia com total docilidade.

1838: em Monza, no internato das professoras Bianchi, prepara-se ao exame para o diploma de professora.

1838, 14 de agosto: Em Milão, obtém o diploma de professora.

1838, 22 de setembro: em Cernusco sul Naviglio, na casa alugada para elas por padre Luiz Biraghi, junto com Ângela Morganti e Cristina Carini, começa a vida da primeira comunidade das “Marcelinas”.

1838, 25 de setembro: entram no colégio as primeiras alunas e inicia-se o apostolado educativo das Marcelinas, sob a direção de Marina Videmari.

1839, 31 de julho: transfere-se para o colégio apropriado, mandando construir por padre Luiz Biraghi em Cernusco sul Naviglio.

1841, 20 de outubro: as Marcelinas abrem em Vimercate um segundo colégio, e a Videmari transfere-se para lá, exercendo o papel de superiora do Instituto.

1848, 13 de fevereiro: acolhe como postulante a ex-aluna, hoje beata, Marianna Sala.

1852, 13 de setembro: em Vimercate, o arcebispo Romilli funda canonicamente o Instituto das Irmãs Ursulinas de Santa Marcelina, e Marina Videmari, junto a 23 coirmãs, emite a solene profissão religiosa e é nomeada superiora geral da congregação.

1854, 09 de novembro: transfere-se para Milão, no novo colégio aberto em Via Quadronno, onde se estabelecem a casa generalícia e o noviciado.

1857: adquire em Milão, na via Amedei, o palácio Mazenta, para destiná-lo a um colégio para surdas-mudas, mas o projeto acaba abandonado, e o edifício é destinado à escola para alunas externas.

1859, maio-agosto: dirige o hospital militar de São Lucas, onde assiste os feridos da guerra franco-piemontesa contra os austríacos.

1861: recusa o convite de abrir um novo colégio em Milazzo.

1868: abre em Gênova Albaro o quinto colégio.

1873-1875: organiza em Chambéry, na Savoia, cursos de férias para as alunas dos colégios italianos.

1876: Em Chambéry, abre um colégio também para alunas francesas.

1879, 11 de agosto: chora a morte do venerável fundador, Mons. Luiz Biraghi.

1882: abre em Lecce um novo colégio.

1891, 10 de abril: após ter recomendado às suas Irmãs: “coragem”, às 2 da madrugada, no colégio de via Quadronno, fecha os olhos à luz terrena para abrí-los sobre o infinito de Deus.

Índice

Prefácio (Madre Maria Ângela Agostoni)	pag. 5
Marina Videmari, uma biografia espiritual (Giuseppe Nichetti).....	» 7
Corresponder: uma intuição espiritual (Giuseppe Nichetti).....	» 27
Corresponder porque mulher (Elza Antoniazzi). »	41
Traços biográficos de Marina Videmari	» 55

Impresso em abril de dois mil e treze
nas oficinas da Rush Gráfica e Editora LTDA.
edição de 500 exemplares

Rush Gráfica e Editora LTDA.

Tel: 3208 3222

Email: rush@rushgraf.com.br